CONHECIMENTOS UTEIS.

A ESCHÓLA POLYTECHNICA E O MONUMENTO.

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.
Shakspeare-Hamlet (impresso em Inglaterra) Act. 1, sc. 5.

1762 O incendio da Eschóla Polytechnica, acontecimento triste em si, mais triste pelas suas consequencias em relação ao ensino publico, tristissimo pelas difficuldades que a pobreza do erario oppõe á restauração d'esse estabelecimento, foi uma verdadeira calamidade para a instrucção nacional. No estado de má organisação e de abandôno em que esta se acha, a Eschóla Polytechnica era uma brilhante excepção. N'aquella fonte de conhecimentos uteis; n'aquelle fóco de luz intellectual se haviam de encontrar algum dia os elementos mais essenciaes para a *creação* do ensino geral, quando os homens que presidissem aos destinos da nossa terra compreendessem as verdadeiras condições de uma lei d'instrucção publica. Como a Eschóla Polytechnica seria a principal alavanca para esta regeneração não o direi aqui, porque nem esse é o meu intento, nem o tempo presente me parece proprio para tractar similhantes materias.

Convertido o edificio da Eschóla n'um montão de ruinas, e perdidos no meio d'estas parte dos objectos preciosos para a sciencia que ahi se encerravam, o primeiro pensamento, que naturalmente occorreu, foi o de buscar um meio para reparar tão fatal damno. Em milhares de espiritos surgiu simultaneamente uma idéa grande e generosa, e com rapidez incrivel essa idéa se converteu em opinião geral. A razão publica, sempre mais illustrada e segura que a dos individuos, perfilhou o pensamento de applicar as sommas colligidas para a creação do monumento com estatua, á restauração da Eschóla Polytechnica. A imprensa periodica, sem distincção de parcialidades, fez sentir as conveniencias, não da nova applicação que se propunha para aquellas sommas, mas da nova fórma da mesma applicação. A imprensa fez o que devia; este negocio pertencia-lhe essencialmente porque era uma questão de intellectualidade. O alvitre, que ninguem déra, por que todos o tinham dado, parecia não encerrar difficuldades. Era quasi um axioma de civilisação e patriotismo; era a expressão da doctrina de Jesus — o converter pedras em pão — o convertel-as em alimento da intelligencia, emvez de passatempo dos olhos. Era emfim uma raridade em Portugal, uma coisa publica feita com bom juizo.

Todavia a materia não era tanto de primeira intuição como geralmente parecêra. Em muitos animos suscitaram-se duvidas e escrupulos sobre a legitimidade da nova fórma que se pertendia dar ao monumento de D. Pedro. Estas duvidas a principio fracas, envergonhadas, incertas, tomaram vulto e acharam orgam na imprensa: o que parecêra axioma converteu-se em thése disputavel e disputada. Agora ahi anda na téla da discussão, ¿e quem sabe qual será o seu destino? ¿Quem sabe se os que podem promover a realisação do pensamento publico se inclinarão para um ou para outro lado? Uma coisa sei eu; e é, que todos os homens de boa e sincera vontade, a quem Deus concedeu alguma porção de intendimento, devem descer á arêna do combate; porque o resultado d'elle não só será grave e importante em si, mas servirá de padrão por onde estrangeiros affiram o gráu da nossa civilisação.

Os que contrastam a opinião geral n'este negocio não teem por certo nenhum pensamento reservado, nenhum d'estes motivos mesquinhos, que tantas vezes nas questões de interesse publico transviam os melhores espiritos. Devo e quero crêr, que os seus receios nascem todos de uma delicadesa excessiva de consciencia, de um êrro de raciocinio causado por um sentimento puro e nobre. Seria monstruoso e incrivel que as suas palavras nascessem de outra origem; porque nenhum portuguez haveria ahi tão corrupto, que por capricho, por antipathia, ou por qualquer outro motivo abjecto, guerreasse a educação da mocidade; e quizesse converter o monumento de um principe liberal e illustrado em monumento de uma façanha de vândalos, que nos deshonraria aos olhos da Europa inteira.

Quando se tracta de uma questão que involve a memoria de um homem como o Duque de Bragança, e da existencia do unico instituto d'instrucção superior nascido á sombra da liberdade, nós, geração pobre de gloria; nós, que fortes em derribar as coisas dos tempos que foram, nos temos mostrado tardos e debeis em reconstruir para o futuro, devemos debatel-a sem chólera, e com animo desassombrado de paixões, como o requerem a memoria de um grande Principe e a importancia d'esse instituto.

As objecções capitaes a que se reduz tudo o que se tem dicto, tudo o que se póde dizer por parte dos defensores da pedra contra o pão, são tres: 1.ª, a falta de fé publica a respeito de uma somma destinada para certo e determinado fim pelos contribuintes, applicada para fins diversos, sejam elles quaes forem: 2.ª, que representando o monumento de D. Pedro uma ordem de idéas exclusivamente moraes, quanto se ponderar ácerca da utilidade de reconstruir a Eschóla Polytechnica não vem ao intento, porque todas essas ponderações pertencem a uma ordem de idéas differentes: 3.ª, que essas duas ordens de considerações são como duas linhas indifinitas e parallelas, que caminham ao lado uma da outra, sem que seja possivel encontrarem-se jamais.

Eis o que em substancia se tem dicto, escripto e repetido por parte dos defensores do monumento da praça publica; tudo o mais são accessorios; são considerações que tendem a reforçar estes tres argumentos principaes. Examinemos a sua força. Se na verdade são solidos, é necessario seguir a opinião quasi singular, e abandonar as ruinas da Eschóla Polytechnica, para que esta seja reconstruida quando e como se podér. Se o não são, é preciso que o monumento de D. Pedro seja digno d'elle: é preciso respeitar a opinião do paiz.

Pela minha parte intendo que o primeiro argumento é incontrastavel. Sincera e lealmente o confesso. Quem contribuiu para qualquer obra determinada, tem direito de exigir que essa obra se execute. Fosse ella o maior dos absurdos, fosse a vergonha da arte e do senso commum, uma vez que não offendesse a moral e as leis, a vontade dos contribuintes devia ser respeitada. No caso presente havia um programma, bom ou máu, para a feitura do monumento do Imperador;

estava até escolhido o logar onde se havia de erigir quando a subscripção se abriu. Os subscriptores acceitaram aquellas condições: fez-se um verdadeiro contracto. A todas as razões de conveniencia, que se façam, o menor dos contribuintes póde responder: — «Não vos importe se é uma imprudencia, uma loucura, uma brutalidade. As condições do meu contracto são estas: cumpri-as, e não cureis dos meus erros.»

E teria razão. O transviar o dinheiro do monumento para o mais util fim, sem consentimento d'aquelles que o deram, seria uma falta de fé publica: mais; um verdadeiro latrocinio.

¿Mas não haverá algum meio de resolver a difficuldade? Ha, e muito simples. Que as auctoridades prepostas a este negocio declarem que é licito a todo e qualquer subscriptor retirar a somma que offereceu, se intender que o monumento intellectual não satisfaz as condições da sua gratidão. Depois d'isto abra-se uma subscripção sem limite no *quantum* para os que não se offendem de ver a memoria de D. Pedro ligada a um estabelecimento litterario. Parece-me que posso com certeza affirmar que mais bolsas se hão-de descerrar para contribuir de novo, que para receber o já offerecido.

Sem esta medida prévia intendo que é moralmente impossivel mudar as condições capitaes da feitura do monumento, e por consequencia impossivel satisfazer as exigencias da opinião publica.

Consideremos agora os outros argumentos que pertencem á coisa em si, e em relação á moralidade, não de um contracto, mas de um pensamento nacional que reune e formúla por certo modo tres idéas distinctas — a de um grande homem — a de um povo — e a da posteridade.

Tracta-se de um monumento. ¿Por onde se devia começar? Por definir bem claramente aquillo de que se tractava. ¿Fez-se isso? Não.

Sabemos que significa essa palavra: — dir-se-ha. Póde ser; mas ahi se imprimiu já — «que um monumento é um ponto de contacto entre a gloria e a admiração.» — ¿E porque se disse isto? Porque se tomou uma hypothese por uma thése; partiu-se do singular para o universal, do condicional para o absoluto. A definição é falsa — e da sua falsidade nasceu talvez a multidão de paralogismos intoleraveis, que todos temos lido e ouvido.

Um monumento é um meio de transmittir ao futuro uma lembrança do passado. Essencialmente é só isto. Accidentalmente mil condições podem variar o seu modo de existir, mas a condição unicamente absoluta d'este existir é o *lembrar*. Onde houver isto ha monumento: o livro e o templo, o obelisco e a estatua, o palacio e a campa; a arvore e até o chão defeso e condemnado a perpetua esterilidade podem ser monumentos. O objecto lembrado, repito, é a condição exclusivamente absoluta de um monumento.

¿A columna erguida em uma das praias do nosso Téjo em *monumento* do supplicio de alguns regicidas, e o templo visinho d'ella, edificado no sitio em que se perpetrou o delicto, serão pontos de contacto entre a gloria e a admiração? ¿Sel-o-ha a cruz plantada no caminho deserto em memoria do assassino que ahi despojou da vida o seu similhante? Responda-se.

Posto isto, venhamos á hypothese.

¿Que pertendemos nós? Edificar um monumento a D. Pedro. ¿E para quê? Para lembrar á posteridade o que lhe deve Portugal — nós e os vindoiros. — O monumento é para elle; é para a sua memoria.

¿Quaes são os elementos d'este pensamento? São a grandeza moral do individuo, transmittida ao futuro, e a gratidão especialmente nossa, se quizerem. Eis a sua expressão mais simples. São duas idéas. D'ellas se deve partir para resolver a segunda e terceira objecções capitaes que os adversarios nos fazem.

¿Das duas idéas qual é a causa final do monumento, qual a sua condição absoluta? A primeira. ¿Qual o accidente? A segunda.

Em transtornar estas duas idéas, em lhes trocar os valores é que está principalmente o êrro.

¿É *á nossa gratidão* que levantaes o monumento, ou *á lembrança de D. Pedro?* Se é á primeira, affastae da vossa obra a menor sombra de utilidade; porque proveito proprio e agradecimento annullam-se: este será destruido, e o que não existiu não póde ser lembrado: se é a D. Pedro, embora o monumento seja util — utilissimo — a condição moral necessaria fica satisfeita; o que varía é o que póde variar e ser modificado — o accidente.

Engana o coração aquelles que vêem o egoismo na opinião geral sobre a judiciosa transformação do intentado monumento. Logo mostrarei quanto é vasía de sentido similhante accusação. Entretanto seja-me licito lembrar-lhes que involuntariamente são elles os egoistas — além de egoistas orgulhosos. ¿Não será mais egoismo substituir como idéa principal a da propria gratidão á da memoria de D. Pedro? ¡Levantando um monumento de que nenhum proveito resulta ao paiz, estes homens generosos creem pagar ao Libertador a divida nacional! ¡Pagam com o seu dinheiro a liberdade que elle nos deu, e as esperanças de nossos filhos! ¡Elles, homens obscuros como nós, saldam contas com o grande Principe, atirando alguns cruzados para se converterem em pedras que lhe sejam consagradas! Se essas pedras fossem uteis havia um saldo contra elles: era uma vergonha para esta geração, sim pobre, mas fidalga. Nós cremos outra coisa. Cremos que a nossa divida é insoluvel, insoluvel a divida das gerações que vierem apóz nós: cremos que o monumento de D. Pedro não deve ser um só; que não é unicamente no frontispicio da Eschóla Polytechnica restaurada que se ha-de escrever o seu nome em lettras cubitaes de bronze. Multiplicae os institutos de civilisação e de progresso, e consagrae-lh'os; porque o primeiro élo da cadêa da nossa regeneração moral e material parte do meio das suas cinzas, está sumido na noite do seu ataúde. Que por toda a parte o nome de D. Pedro surja entre nós como o de Tell entre os suissos, symbolo de liberdade: que por toda a parte as gerações infantes tenham de perguntar ás gerações adultas a significação d'este nome, e ellas lhe possam relatar as tradições de saudade que já ouviram recontar a seus paes. Se um beneficio, incalculavel, porque os seus resultados pertencem a um futuro indefinito e desconhecido, se retribue com meia duzia de pedras de Pero-Pinheiro, digo-vos que tendes lá riqueza com que comprar para a nação portugueza não só a felicidade terrena, mas as proprias chaves do paraiso.

¡Pelo amor de Deus não pagueis a D. Pedro! — Despi a vossa vaidade de pigmeus diante da sua me-

moria. O vulto do grande Principe é um vulto gigante. Por muito que façaes podeis estar certos de que a posteridade não vos enxergará sequer, na penumbra immensa d'esse vulto, que se alevanta sobranceiro no meio das nossas miserias como o cedro no meio das çarças rasteiras.

Sede gratos, porque cumprís um dever; mas não queiraes associar a vossa gratidão como idéa principal ao monumento do homem illustre, porque isto é um orgulho ridiculo. ¿Que importa ao futuro o vosso nome, ou, o que ainda é menos, um de vossos affectos? Não mancheis o que é sublime e sancto com o que seria trivial e burlesco — uma pequenina vaidade.

Vaidade — não cessarei de o repetir — só vaidade anda n'esta guerra que se faz ao pensamento publico: é ella quem offusca o intendimento dos que o combatem. A prova ahi está: deu-se como razão suprema — que ninguem accreditaria que a erecção do monumento fosse um signal do *nosso* respeito a D. Pedro, se aquella opinião se realisasse. O monumento é pois consagrado, não a D. Pedro, mas a um sentimento nosso, a *nós*. Se elle lembrar só o Imperador nada lembra; perde a sua significação de monumento, porque *ninguem accreditará* que tivemos tal ou tal affecto. ¡Os nossos nomes, as nossas virtudes não passarão á posteridade com gravissimo detrimento dos vindoiros! ¡Oh miseria das miserias humanas!

Talvez eu não intenda bem a questão. Digam-me se é um recibo de pedra, que pertendemos fazer passar authenticamente, e em publico, de que *pagámos em admiração* até o ultimo ceitil do que deviamos a D. Pedro. Se é isso, tendes razão. Concluido este negocio estamos quites e livres. Depois elle, se podér, que guarde do sepulchro o cabedal que lhe entregámos. Podemos esquecer-nos d'elle. Se as revoluções da natureza ou dos homens destruirem o monumento, nada temos com isso. Que a sombra de D. Pedro conservasse melhor a sua propriedade.

¿De que lado estará o egoismo, o calculo mesquinho, a ingratidão até? Parece-me que não é do lado da opinião do paiz. As vossas doctrinas condusir-vos-hão ao absurdo e á blasphemia moral: basta que tenhaes logica.

Vós dizeis que um monumento forçosamente ha-de ser inutil. Esta condição absoluta tinheis obrigação de demonstral-a. Havia de levar-vos algum tempo. Devieis começar por destruir metade dos monumentos do passado, que vos desmentem. Achastes mais facil attribuir aos adversarios a proposição diametralmente opposta, de que todo o monumento deve necessariamente ser util. Crestes que a defensão de um absurdo estava em combater outro absurdo. Enganastes-vos. Nenhuma das duas proposições é verdadeira, porque as idéas que representam não se conteem na de monumento: nenhuma por isso destroe a outra. Póde haver considerações que movam a erigir um monumento util ou inutil; mas essas considerações são alheias á essencia do objecto. Se todavia a vossa doctrina é que só a inutilidade póde ser monumental, limitae-vos a proval-o. Epigrammas, que ferem em vão, convertem-se em semsaborias.

Parece-me ficar demonstrado que em relação á idéa de monumento e em relação a perpetuar a memoria do Duque de Bragança a questão da utilidade ou inutilidade de qualquer edificação, que se haja de fazer com o intuito monumental, é uma questão ociosa. Vejamos agora o negocio sob outro aspecto: vejâmol-o em relação a nós.

Quando surge um pensamento publico; quando uma nação se congrega em volta de uma idéa para a reduzir a um facto, ella deve considerar bem attentamente o seu desenho antes de o executar. Uma nação é responsavel perante as outras nações, como o individuo perante a sociedade a que pertence. Esta responsabilidade, postoque exclusivamente moral, tem na Europa um juizo inexhoravel onde será julgada — a sentença formúla-a a imprensa: a opinião é o tribunal, que ha-de confirmar esta — e a historia o registo onde para a perpetuidade se lançará o julgamento. Graves e meditadas devem por isso ser as acções que pertencem ao corpo social: é preciso que levem o cunho da moralidade, da decencia, da sabedoria. Sem isto a condemnação é certa. Poderiamos na verdade affrontal-a, se as gerações não fossem solidarias; se uma sociedade não fosse um individuo cuja vida se prolonga atravéz dos seculos, e que em cada um d'elles tem direito a gloriar-se das suas boas acções passadas, como os outros povos teem direito a lançar-lhe em rosto os erros ou crimes que commetteu em anteriores épochas da sua existencia. Uma geração não pertence unicamente a si, pertence ao preterito cuja herdeira é, ao futuro, cuja testadora será.

Esta doctrina nunca devêra esquecer ás nações: nunca devêra ser despresada pelos que as dirigem. Muitos arrependimentos tardios se haveriam poupado: muitas maldições teriam deixado de caír sobre as cinzas de homens eminentes; muitas mais memorias virtuosas achariam os povos no thesoiro das suas recordações, e muito menos bétas negras sulcariam as paginas dos annaes do genero-humano.

Se considerado na sua essencia o monumento póde indifferentemente ser uma columna ou uma eschóla, um tumulo ou um hospital, uma pirâmide ou um sarcóphago: se o seu destino lhe não determina os accidentes como por uma deploravel confusão d'idéas se tem pertendido, cumpre examinar quaes condições lhe possa impor a circumstancia de ser não só um monumento, mas um monumento nacional; de ser uma edificação publica levantada á memoria de um homem illustre. Aqui uma nova ordem de considerações se apresenta: são umas de conveniencia, outras de decencia, outras emfim de moralidade, e até de poesia, porque se ha-de attender a sentimentos, tradições, e affectos; porque uma nação que se esquece de tudo isto não é só corrompida, é uma nação gangrenada.

A esta luz — em relação a nós, como povo livre, aos motivos que tornaram illustre a memoria do Duque de Bragança, ás tradições humanas, e sobre tudo ás tradições domesticas, parece-me não só estar resolvida a questão a favor da opinião publica sobre esta materia, mas até provar-se que é moral e poeticamente impossivel o consagrar ás recordações de D. Pedro o já proverbial *Monumento com estatua*, o mote architectonico de classico abbadeçado.

Pelo lado da conveniencia quasi é escusado dizer uma palavra entre a pedra e o livro; entre o luxo de uma praça publica, e o alimento intellectual da juventude; entre o obelisco que desaba ao rugir do volcão subterraneo, ou do volcão popular ainda mais es-

tupidamente assolador, e o monumento prolifico da sciencia, que, uma vez derramada, não destroem nem as revoluções dos homens nem as da natureza: — não é possivel discutir preferencias, tanto porque a discussão fôra ridicula, como porque responsaveis para com o futuro, elle teria direito de condemnar-nos por lhe havermos legado em logar de um instrumento de civilisação para todo o paiz, uma publica-fórma de um velho dixe romano, para adornar ou obstruir uma praça da capital.

E aqui vem a ponto repellir a infundada accusação de egoismo que se nos faz, porque preferimos o monumento-eschola ao monumento-columna. ¿O que é o egoismo? É o amor exclusivo de si, o curar unicamente dos proprios interesses sem considerar os de mais ninguem. O egoismo é essencialmente individual. Mas para quem póde a Eschola Polytechina produzir fructos de bençam? ¿Para nós os homens feitos, para nós os que pertendemos que ella seja o monumento de D. Pedro? Certo que não. Rudes ou cultivados, ignorantes ou sabios, já não vamos assentar-nos a esse banquete d'illustração. É a mocidade que lá tem seu logar, é o futuro que ha-de saciar-se n'essa fonte caudal de civilisação e de verdadeiro progresso. ¿Onde está pois o egoismo? — Se alguma coisa do coração entra n'isto, é exactamente o contrario; é a abnegação.

Attribuirmos aos adversarios motivos máus n'uma questão de similhante natureza, para tornarmos odiosa a opinião que impugnamos, é confessar indirectamente que sentimos a fraqueza das nossas doctrinas. Estas armas são faceis de menear, e não faltaria bastimento d'ellas aos que pelejando com raciocinios são accommettidos no sanctuario da sua consciencia. Não as empregarei eu, porque nada provaria esse esgrimir insensato. Deixando o egoismo, os interesses mesquinhos, as causas occultas a quem de direito pertencerem, tractarei de considerações mais graves.

Um monumento não é uma invenção moderna: desde a origem das sociedades a arvore solitaria se plantou para a recordação dos homens, para as recordações se amontoaram as pedras á borda das torrentes ou sobre os visos dos oiteiros. Todos os tempos e todas as gentes deixaram mais ou menos subtilmente escriptas, mais ou menos completas estas memorias de si. Os monumentos teem portanto uma historia, e logo uma philosophia. ¿Vós os que vos alcunhaes de grandes philosophos, e nos olhaes com sobrecenho de superioridade, indagastes acaso os resultados d'essa historia buscando por tal modo alguma luz para das normas geraes deduzir as condições da hypothese? Não! — É que isto era apenas consultar a razão do genero humano, coisa bem escusada tendo vós a vossa razão tão logica, tão fina, tão profunda como fica provado.

¿Que nos diz em resumo a historia dos monumentos? O que nos dizem todas as coisas, todos os aspectos do passado: — que a idéa characteristica de qualquer épocha, o facto capital e intimo de qualquer sociedade se reproduz em todos os seus modos d'existir. Entre os monumentos de um paiz e cada uma das suas épochas ha sempre uma harmonia, harmonia a que por via de regra se ajuncta a do aspecto moral do individuo eminente cuja memoria se quiz transmittir á posteridade, ou, tractando-se de um successo, a da natureza d'este. De similhante verdade, sentida, mas ainda não raciocinada — e talvez unicamente d'ella — nasceu a applicação da allegoria ás edificações monumentaes.

Seria longo — daria um livro — o voltar d'esta synthese á analyse miuda dos factos que a comprovam em todos os logares, em todos os tempos e nos monumentos cuja data é conhecida, e conhecida a historia da geração que os alevantou. Não cabe aqui esse vastissimo trabalho: contentar-me-hei com algumas observações mais notaveis e de mais immediata applicação ao negocio que hoje se ventila entre a opinião publica, e esses espiritos que se creem mais illustrados do que ella.

Muitos monumentos como o que se pertende dedicar a D. Pedro, muitas columnas com estatuas e sem ellas alevantaram os romanos aos seus homens eminentes: duas apenas se conhecem que precedessem o estabelecimento do imperio — a de Menio e a de Decillio, monumentos obscuros de que só faz menção Plinio. Com o progresso do decair romano multiplicou-se esta especie de padrões, que marcam, ou a servidão dos romanos como as que profusamente espalharam os primeiros césares, ou tristes victorias que ao desmoronar-se aquelle colosso da civilisação antiga, unicamente serviam para tornar mais tormentosa a sua lenta agonia.

Alguns dos principes a quem essas memorias foram consagradas, como os Antoninos tiveram uma triste illustração: foram nobres e virtuosos no meio da corrupção e vileza do seu povo de escravos. Outros a tiveram ainda mais triste, porque deshonrosa aos olhos de philosophia; porque foram apenas ambiciosos de gloria militar, que cobriram a terra de estragos e sangue, como de Trajano com tanta razão observa Gibbon. Outros finalmente as tiveram no meio dos ultimos trances do imperio, como Phocas, tyrano estupido e feroz, a quem o exarcha Smaragdo pôz tambem uma columna com estatua não sei em que praça da velha Roma, que baqueava já, e se desfazia em pó entre as mãos robustas dos barbaros.

Taes monumentos eram na verdade um symbolo da épocha e da sociedade que os erigia: symbolo morto de um povo que se dissolvia; existencia infecunda para o bem moral ou material dos homens, e por isso em harmonia com a velhice horrenda de um imperio que se anniquillava: memoria, emfim, de individuos que não faziam outra coisa senão presidir mais ou menos vergonhosamente ao desfazer de uma grande ruina.

¿Mas que foi D. Pedro? Foi o homem da liberdade; foi o homem da regeneração; foi o homem do pensamento vivificador; foi o homem que nos acordou do lethargo da servidão e do opprobrio para nos pôr no caminho da vida social e da esperança. ¿Que somos nós? Uma nação que renasce, que espera, que tem futuro, se não esquecermos os exemplos e as doctrinas, que o Duque de Bragança nos herdou. ¿Se D. Pedro não foi um conquistador como Trajano, que chorava por não poder imitar o grande mentecapto chamado Alexandre o grande; se o ingenho de D. Pedro era energico, activo, creador, bem differente do de Antonino, o Pio, cuja vida se escoou no repouso da sua villa Lanuvia; se fôra atrocidade infame comparar D. Pedro com o brutal e hediondo Phocas, porque insistís em macaquear para seu monumento a columna de Trajano, de Antonino ou de Phocas? ¿Porque subís ao vosso balcão, e continuaes a deitar o mote *monumento com estatua*, como o exarcha Smaragdo o deitava a um povo ago-

nisante do balcão do senado de Roma? ¿Se credes, e esperaes da patria, porque quereis que nossas mãos de homens livres vão desenterrar ao grande cemiterio romano — *a Antiguidade Explicada* de Montfaucon — um dixe de antigos despotas pagãos, para o dedicar por copia a um rei liberal e christão? Se tendes a furia das imitações, ao menos não exijaes que imitemos a obra de uma nação serva e moribunda.

Venhamos já aos tempos modernos. São as tradições humanas mais proximas de nós; são principalmente os exemplos domesticos que condemnam a vossa pertensão de consagrar ao Duque de Bragança um monumento improprio do individuo a quem é dedicado e da sociedade que lh'o dedica.

No berço, na infancia, e na juventude das nações modernas a idéa predominante e characteristica da vida social foi o pensamento religioso. E com razão. O christianismo era para essas épochas a civilisação, pelas doctrinas moraes; a força, pelo enthusiasmo da fé. Assim a religião determinou o accidental dos monumentos. Os templos foram os padrões postos á memoria dos individuos eminentes e dos successos gloriosos. O egoismo tinha sido o sentimento que absorvêra todos os sentimentos e idéas da vida decadente, ou antes do lento morrer do imperio, e por consequencia os seus monumentos haviam sido tambem essencialmente egoistas, isto é, essencialmente inuteis. Modificados pela idéa capital da sociedade os da edade média foram prolificos e civilisadores: a cathedral e o mosteiro correspondiam como symbolo — e como realidade á eschola moderna; como symbolo, porque a religião foi n'essas eras quasi o unico instrumento do progresso moral; como realidade, porque no mosteiro e na cathedral progrediu a intelligencia humana até que appareceu a imprensa. A utilidade social aggregou-se por esse modo á execução dos monumentos. É isto o que nos diz a historia da Europa n'esse periodo, e em especial a historia do nosso paiz.

Depois as nações envelheceram, e á lucta do povo e dos nobres, do clero e dos reis, que era vida, crescimento e liberdade, seguiu-se o pacifico triumphar da monarchia, a somnolencia do repouso domestico, que era decadencia. Então começaram a surgir de novo os motes do exarcha, os monumentos com estatua. Luiz XIV que completou o absolutismo em França teve a sua glosa áquelle mote: teve-a D. José I., que completou o absolutismo em Portugal.

Apóz isto veio a renovação. A Providencia, que transformára o mundo antigo pelas invasões do septemtrião, vae transformando as nações modernas pelas agitações intestinas. Lá empregou o ferro e as trevas: cá as revoluções e a discussão. A lei providencial é a mesma; só a fórma da applicação é diversa.

A analogia entre a nossa épocha e a meia-edade é maravilhosa e completa sob o aspecto da transformação social. Para ver isto é preciso saber achar a philosophia da historia. Os elementos mudaram, mas a sua acção é identica.

A eschóla tem hoje a preencher a missão que o templo desempenhava ha quatro para cinco seculos. O ferro e a barbaria que mataram a dissolução, e amputaram a gangrena romana, abriram fundas feridas no seio da civilisação: o balsamo do evangelho veio cural-as. As revoluções e as doctrinas que vão dissolvendo organisações sociaes carunchosas e impossiveis na actualidade, deixam ahi avultado fermento de desordem e de licença: quem ha-de annullar este fermento é a illustração. Por isso a eschóla tem de substituir o templo.

¿Qual é o maximo vulto da edade media portugueza? — É D. João I. O seu monumento é a Batalha. Qual é o gigante da nossa regeneração social? D. Pedro.

Não serei eu: sejam todos os corações que comprehendem a gravidade dos nossos novos destinos de povo livre; todos os que creem e esperam, todos os que sabem quanta poesia póde haver nos testimunhos de gratidão popular; todos os que respeitam as tradições nacionaes; todos os que buscam na historia do passado doctrina para o presente; todos os que intendem que a memoria de D. Pedro é uma coisa pura, sancta e sublime; — sejam elles que digam se o monumento do Libertador deve ser a Eschóla Polytechnica ou o mote sediço do Sátrapa de Phocas; ser um symbolo de progresso e de vida, ou um symbolo de decadencia e de morte.

A. Herculano.

DO SUICIDIO.

1763 Que o celebre Erasmo escrevesse um elogio da loucura, é coisa que se compreende, por ser assumpto que abre largo campo a uma critica interessante e delicada. Mas que haja n'este nosso seculo quem perca o seu tempo em fazer a apologia do suicidio, só se póde explicar pela tendencia que os applausos obtidos nas Camaras Legislativas e nos auditorios judiciaes teem inspirado á mocidade para o deploravel talento da improvisação.

Não é pois o elogio nem a censura do suicidio que fará objecto d'este artigo. Nós consideraremos, como toda a gente, o suicidio pelo lado que interessa a humanidade, a fim de investigarmos as causas e os remedios d'esta fatal molestia, a um tempo, physica e moral da especie humana.

Começaremos por fazer observar que esta funesta propensão de pôr termo á propria existencia, começa umas vezes pela alteração das faculdades physicas; outras vezes das faculdades intellectuaes; e outras emfim das faculdades moraes.

Duas são as sortes de alterações nas faculdades physicas, que nos consta haverem terminado por este fatal desfêcho, uma é a embriaguez habitual; outra o excesso de dores, que por continuas e insoffriveis parece terem esgotado toda a paciencia do infeliz enfermo.

A distincção que fizemos entre as alterações das faculdades moraes e das intellectuaes não se deve intender absolutamente; mas só quanto ao momento da sua primeira origem; pois que as que, em seu principio eram puramente intellectuaes, só depois de assumirem o character moral, e moral depravado, é que começam a convergir para o suicidio.

Tendo procurado classificar as diversas perversões intellectuaes que, segundo nosso conhecimento, teem a final condusido a um similhante fim os desgraçados cuja historia nos tem sido possivel seguir; parece-nos poderem-se reduzir todas ao *scepticismo* ou para melhor dizer ao *pyrrhonismo*, que costuma ser o percursor da decadencia das nações chegadas ao apogêu do que se tem convencionado denominar civilisação, mas que melhor se deveria denominar corrupção, conforme a celebre sentença *corrumpere et corrumpi sæculum vocatur*.

A desídia de estudar, ao mesmo tempo que se sente a necessidade de passar na sociedade por instruido, conduz a maior parte dos que n'ella avultam a inventarem pretextos para cohonestar a superficialidade de conhecimentos de que a propria consciencia os accusa e que pressentem não poder ficar por muito tempo encoberta. De todos os meios até agora tentados para conseguir este fim, nenhum é tão efficaz nem tão lisongeiro para a vaidade d'estes *choripheus* da litteratura do *bom tom*, como o de agenciar nas differentes questões um egual numero de boas ou más razões pró e contra, afim de poder concluir, que nada se sabe de certo, e que pertender profundar taes materias só é proprio de espiritos acanhados ou pedantes. Tal é a origem do *scepticismo*, que de tudo duvida e, dado este primeiro passo, muito perto se está do *pyrrhonismo*, que tudo nega.

Uma vez preparado o espirito por este habito de incerteza em alguns casos, e de absoluta negação de crença em quasi todos; logo que o nosso sceptico se vê accommettido de algum d'aquelles golpes da fortuna a que só póde resistir um animo constante, illustrado pelas luzes da experiencia, que lhe deixa interver no futuro os meios mais ou menos seguros de triumphar da desgraça, não acha em si recursos para resistir aos contratempos; succumbe á adversidade e não vê nenhum outro meio de a ella se subtrair senão entrando no abysmo do nada, d'onde a sua estupida ignorancia lhe faz suppôr que foi tirado.

É obvio que para previnir esta primeira causa de suicidios, cumpre que as pessoas encarregadas da educação da mocidade, se esforcem por afastar d'ella tudo quanto póde favorecer a preguiça de pensar, lançando mão de tudo quanto parecer proprio para fazer nascer no animo dos alumnos um ardente desejo de saber e o habito de reflectir e meditar no providencial encadeamento das causas e effeitos que constituem a ordem admiravel do universo. Conduzida assim a mocidade a reconhecer em todos os acontecimentos da vida humana a mão de uma Providencia que tudo encaminha para a felicidade dos homens, que da sua parte se esforçam por cultivar as faculdades de que ella os ha dotado; nenhuns golpes da adversidade serão capazes de lhe abater os brios e jamais a esperança a abandonará, mesmo no meio dos maiores perigos e a despeito de todos e quaesquer contratempos.

Os suicidios que teem sua origem na depravação dos sentimentos moraes do infeliz que, para se subtraír á desgraça, attenta contra a sua propria existencia, ou no excesso de dôres physicas para que todo o soffrimento do desgraçado paciente se acha exhaurido, nem sempre suppõe um espirito ignorante e apoucado.

Tambem se não póde concluir que o suicidio em similhantes casos pressuppõe uma vida dissoluta ou viciosa. O que de certo se póde affirmar é que as mais das vezes esse excesso de paixões, essa insupportavel vehemencia das dôres não teriam tido um tão deploravel desfêcho, se áquelles que jazem victimas da desesperação, se tivessem preparado para lhes resistir, mediante actos de filial resignação nos decretos de uma Providencia, que vigia sobre a sorte dos fracos mortaes, quer seja para affastar d'elles os males que estorvariam o cumprimento dos fins para que foram creados, e que a ninguem é dado *perscrutar*; quer seja para lhes inspirar valor e coragem no momento do maior perigo.

Vê-se pois que n'este como no precedente caso é sómente por meio de um bem intendido plano de educação que os paes e os legisladores se poderão gabar de previnir a frequencia dos casos de suicidio que a experiencia mostra serem tanto mais raros em qualquer paiz, quanto o systema de educação que n'elle predomina é mais conforme aos principios de uma sã moral.

Taes são as causas, taes são os remedios que um longo estudo d'este importante assumpto nos teem feito descobrir. É n'este sentido que havemos procurado traçar o plano da educação nacional, que outróra offerecemos aos nossos compatriotas. Porventura existem outros meios mais promptos e mais efficazes. Possa a grandeza do mal, que todos os dias cobra novas forças, excitar os elevados talentos que os conhecerem, a communical-os ao publico, com a mesma candura e boa fé com que nos havemos aventurado a publicar os que havemos podido alcançar.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

CONSTITUCIONALISSIMO ALVITRE DE UMA DAMA.

(Carta.)

1764 *Sr. Redactor.* — Como vejo que no seu jornal se recebe toda a casta de offrendas, que possam ser uteis ao publico sem reparar na mão que as envia, afoito-me a dirigir-lhe uma lembrança que talvez seja proveitosa, e não a hei-de assignar, porque a penna, que lhe escreve, nunca fez senão róis de roupa, e não aspira nem póde aspirar á celebridade.

Já se vê, Sr. Redactor, que eu sou mulher ainda que o não diga. Ora pois, n'esta mesma qualidade é que eu me dirijo a V. para que supplique á camara municipal, ou a quem isso possa pertencer, que reforme nos nossos costumes antigos um, de que sempre ouvi queixar-se toda a gente, e que é realmente um grande vexame publico e muito escusado, e, para uma casa unicamente de senhoras como a minha, uma sensaboria muito tola e um perigo muito grande.

Fallo das visitas de conhecidos e desconhecidos, de pessoas decentes e malcreadas, e Deus sabe até se de espias e ladrões, a que todas as casas estão sugeitas trinta dias no verão e outros trinta no inverno. D'este modo podemos dizer sem mentira, que o artigo liberal, que diz que a casa do cidadão é um asylo inviolavel, só regula 10 mezes em cada anno, e que em vindo S. João ou o Menino Jesus trazem uma verdadeira suspensão d'esta garantia.

Já no seu periodico se lembrou a fundação de um escriptorio, onde se achasse uma noticia de todos os prédios que estivessem para arrendar. Não sei porque se não fez. Era um alívio para os que estão dentro nas casas, e um descanço para quem as procura. Em logar de andar correndo uma Babylonia d'estas, subindo centos de escadas, incommodando e sendo incommodado, chegava-se alli procurava-se o registo do bairro, que se queria, e n'elle a casa que agradasse pelo preço e pelas accommodações; lia-se o nome e a morada do senhorio; ía-se com elle então examinar com os proprios olhos a morada, e concluiam-se os ajustes.

Mas este escriptorio que se não fundou, alguma razão haveria; porém parece-me que para a minha lembrança é que não póde haver nenhuma objecção. Com-

siste ella em se obrigar a cada senhorio, logo que em um andar do seu predio appareçam os escriptos — a affixar um edital na porta da rua em lettra de mão que diga — andar tal, accommodações taes, preço tanto, senhorio (fulano) que assiste em tal sitio. Se algum senhorio não pozesse este edital 24 ou 48 horas depois dos escriptos apparecerem, devia o inquillino tiral-os, e se as casas se não arrendassem a culpa seria do dono.

Estes editaes, *Sr. Redactor*, para quem tem filhas, e mesmo para quem as não tem, mas que não gosta de andar a amostrar todos os seus particulares ao primeiro que apparece, seriam umas bullas de indulgencias muito grandes.

Queria dizer ainda mais, porém ahi entrou para a sala um rancho de visitadores, que pelas caras e edades não me parecem ser dos que procuram casas quando n'ellas não ha gente. Estar a escrever para periodicos a reformar o mundo, e deixar as filhas andar mostrando as casas a inquilinos tão frisados, não é para quem já escreve com óculos como esta que se présa de ser — De V. assignante e leitora:

* * *

ESCULPTURA MECHANICA.

1765 Inventou um dentista da Havana por nome D. Henrique Cook um ingenho para tirar com a maior perfeição, não dentes queixaes, mas retratos em baixo-relèvo. As feições saem alli com uma exactidão mathematica: o effeito artistico do todo dá a lembrar os medalhões da antiguidade: os seus freguezes, que devem ser numerosos, nenhum incommodo passam em tal operação; estão muito bem sentados, muito bem recostados, e quando mal se precatam apparecem reproduzidos. ¡Oh! ¡se este grande homem chegasse tambem a civilisar até aquelle ponto o boticão!

Ficamos á espera da descripção do ingenho e do modo de trabalhar com elle. Não descremos na noticia, não só porque já não é licito descrer em prodigio algum da humana industria, mas até porque nos lembra termos encontrado ha poucos annos — que em uma das sessões da academia das sciencias de Paris se apresentára certa máchina para trasladar as estatuas tambem para vulto, e até reduzidas a menor ponto segundo se quizesse.

GOTTA E RHEUMATISMO.

1766 *Scudamore*, medico francez, auctor de um livro muito estimado ácerca da gotta, publica, — dizem os jornaes francezes, — a fórmula da preparação de cólchico, de que tirou melhores effeitos. E tem que é ella muito preferivel á do extracto do vinagre do cólchico. Consiste em engrossar a fogo brando uma infusão saturada de raiz secca, autumnal, em vinagre distillado. Deve-se ír deixando evaporar até que o líquido tenha tomado a consistencia de mel. Cinco centigrammos d'este extracto equivalem a quatro oitavos de vinagre de cólchico ordinario. Esta fórma é muito mais energica que a dos extractos aquoso, ou alcoholico. E de mais o estômago a consente muito melhor do que não o vinagre de cólchico.

Intende o auctor que para isto é melhor a raiz secca do que fresca. Affirma que todos os dias alcança provas da efficacia do seu remedio, e mais ainda no rheumatismo do que na gôtta. Todavia não pertende que o tenham senão por um palliativo de taes molestias.

O tractamento curativo d'ellas, quanto a elle, hade se regular pelo estado particular dos órgãos de cada individuo: e conclue com dizer que o cólchico é para a gôtta ou o melhor remedio ou o mais desastrado conforme o acêrto ou desacêrto com que o dão.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

INCENDIOS EM S. FRANCISCO DA CIDADE.

10 de Junho de 1707, e outros.

1767 Eram cinco horas da manhã, ou pouco mais cedo, em sexta-feira, 10 (e não 9, como algumas memorias dizem) de junho de 1707, quando começou o lastimoso incendio da egreja do convento de S. Francisco da Cidade, que estava ricamente armada para a festa do dia de Sancto Antonio. Attribuiu-se a origem a um foguete, que de noite tinha caído no tecto da mesma egreja, que estava descoberto para se concertar. Começou pelo côro, e brevemente consumiu todo o corpo da egreja e naves, ficando livre sómente o cruzeiro e capella mór, e mais capellas de dentro do cruzeiro; e das de fóra sómente escapou a capella da Madre de Deus. — A este desastre acudiu com todo o seu immenso poder a humildade e pobreza franciscanas. Em poucos dias ajunctaram os padres e os irmãos da terceira ordem 30 mil cruzados, com os quaes, e com outras muitas esmollas, que foram concorrendo, se restaurou a egreja, e ficou mais levantada e magestosa do que d'antes era. Começou a reedificar-se no anno de 1709, de tres naves, como era primeiro, porém mais alta, e as columnas se fizeram de novo, servindo-se das pedras das velhas, que não estavam recosidas do fogo.

Apenas estava completa a nova obra, eis que no convento rebenta outro incendio, do qual achamos a seguinte memoria. «Na madrugada de quinta-feira 30 de novembro de 1741 pegou o fogo no Seminario Patriarchal, situado dentro do convento de S. Francisco da Cidade, que ficava visinho á rua do Saco, e depois de consumido aquelle quarto, veio correndo para o dormitorio, que fica para a parte da rua, que ardeu todo com a magestosa casa do despacho da veneravel ordem terceira, que havia pouco tempo se tinha acabado, e feito de custo mais de 20 mil cruzados. Correu á livraria, que não pôde livrar aquella formosa casa com as suas estantes e retractos. Os livros se salvaram por uma brecha, que se abriu da parte da rua, pela qual se tiraram, lançando-se aos montes n'ella, de onde foram levados para a parte das casas do conde do Vimieiro, em que vive o secretario de estado Antonio Guedes Pereira, e depois foram conduzidos para o palacio do conde da Ribeira. Durou o fogo dois dias, e fez um lastimoso e sensivel estrago. Todas as religiões concorreram a trabalhar, mas a primeira foi a dos Trinos, retribuindo-lhe n'este conflicto o incansavel disvelo, que os religiosos franciscanos tiveram quando o convento da Trindade d'esta cidade padeceu o mesmo estrago a 21 de septembro de 1708. ElRei andou tambem de capote no

fogo. Muitos fidalgos trabalharam tambem n'elle, e até o marquez de Valença pegou em quartas d'agua. Escapou a egreja por ser de abóbeda, mas por se evitar qualquer ruina ou desacato no logar sagrado, se mudou o Sanctissimo Sacramento para a parochia de N. S. dos Martyres, e as imagens dos Sanctos se tiraram pelo receio, que havia de padecerem outro incendio similhante ao que consumiu a egreja velha d'aquelle convento a 9 de junho de 1707. Queimou-se todo o quarto, em que havia estado o Ex.mo e Rev.mo Bispo do Porto D. Fr. José Maria de Evora, com muito fato seu, e entre outras coisas mui preciosas uma pintura original de Raphael, e se avalia a perda de S. Ex.a em mais de 70 mil cruzados. A do convento não tem estimação, por ser irreparavel a da secretaria da provincia, que ardeu inteiramente. Só dez, ou doze cellas escaparam de não consumir-se. Os religiosos do convento não perigaram, e só um ficou maltratado, saltando de uma janella abaixo por não morrer queimado; e como ficaram destituidos de cellas para habitarem, se repartiram por varios conventos d'esta côrte. Queimaram-se tambem duas moradas de casas, que ficavam contiguas ao mesmo convento da parte da rua do Saco. — O Em.mo Sr. Cardeal Patriarcha escreveu ao Provincial dando-lhe o pêsame do successo, e dizendo-lhe que o ajudaria muito para a reedificação do convento. O desembargador Francisco Nunes Cardeal lhe mandou offerecer dois mil cruzados para ajuda da obra; e como a piedade dos fieis com o S.mo Patriarcha dos Menores é excessiva, intende-se que com as suas esmollas ficará aquelle convento melhor do que era, assim como se experimentou na factura da nova egreja.»

E assim foi. Mas quando novamente se levantava triumphante a nova fabrica, veio o dia fatal do 1.º de novembro de 1755 arrazar e reduzir tudo a cinzas; como mais miudamente se póde vêr no *Mappa de Portugal* do Padre João Baptista de Castro. — Sobre estas ultimas ruinas se fabricaram as obras, que ainda hoje vemos incompletas. Já se conheceu a differença dos tempos. ¡¿E o que seria hoje?! (*)

J. H. da Cunha Rivára.

FLÔR DO MAR.

(Historia de um barqueiro.)

V.

O remo e a espada.

1768 O dia do regresso de Antonio Domingues foi celebrado pela singella familia com um acontecimento que a todos egualmente allegrava. Sobre a tarde Manuel, o moço da companha, foi ver um momento seu patrão. Demorou-se pouco e fallou menos, mas saíu contente como um rei segundo elle disse: Antonio Domingues tinha-o tractado affectuosamente como para o fazer esquecer da involuntaria severidade, que de manhã usára, Rosa havia-lhe chamado filho, e Maria tinha-lhe dicto duas palavras sorrindo. À noite todos se recolheram cêdo. Antonio estava fatigado da viagem, e Maria tendo vellado na vespera sentia cerrarem-se-lhe os olhos apesar de toda a sua boa vontade. Dois castos e sonoros beijos sellaram a despedida do bom pae: um sancto e affectuoso abraço maternal com um são conselho murmurado ao ouvido foram as *boas noites* de Rosa. Acompanhada pelas bençãos e pelos votos de ambos, retirou-se Flôr-do-Mar ao seu branco aposentinho, onde depois de ter passado um soffrivel espaço a contemplar admirativamente a formosa cruz com a formosa fita, e o bem que lhe ambas ellas ficavam, adormeceu encommendando-se ao seu anjo da guarda, e sonhando em cavallos desbocados e quedas espantosas.

Era das onze para a meia noite; dormiam todos a bom dormir na placida habitação, quando um homem cuidadosamente involvido no seu capote, aproximando-se da porta, pareceu querer tentear-lhe a solidêz. Outro vulto parado pouco distante como que vigiava ou esperava as ordens d'este.

A lua que se erguia n'este momento começava a lançar uma fita prateada e oscillante na extensão das aguas e a tingir uma parte da praia êrma e lisa. O homem do capote depois de haver miudamente examinado a porta, fragil como quasi todas as dos pequenos povoados, e a casa adormecida e silenciosa, foi ter com o vulto que parecia aguardal-o.

— Vae tudo ás mil maravilhas — lhe diz elle — A porta tem uma só fechadura. O quarto *d'ella* é logo no tôpo da escada. Quando dér accordo de si já ha-de ser tarde.

— Bom — tornou laconicamente o vulto.

— Os cavallos.... ¿promptos?

— Sellados e enfreados.

— Ao amanhecer poderemos estar longe, e d'aqui a dois dias em Lisboa.

Os dois interlocutores eram nem mais nem menos o moço official e o *camarada* que o servia. Irritado pelos obstaculos, exaltado pela sua paixão, instigado pelo egoismo, que em tudo se-insinua, perdido de amor e de anciedade o mancebo, cuja cabeça nem era muito solida nem extremamente pesada, tinha formado o assisado projecto de roubar Maria. A situação da casa posta á borda do mar e separada um bom pedaço dos grupos de outras, e o conhecimento que do interior lhe déra a demora que lá tinha feito, pareciam outras tantas circumstancias reunidas para lhe facilitarem a empreza. Como já dissemos, o official não era lá uma grande cabeça. Viu que tinha feito impressão no espirito de Maria — julgou facil possuil-a por este meio. Quanto a seu pae e sua mãe.... era uma gente pobre e rude — dizia elle — e muito estimaria ver-se livre d'aquel.e pêso.

¿E a gratidão que lhes elle devia? ¿e o amor que tinham áquella filha unica, centro commum de suas longas e profundas affeições? ¿e a eterna desesperação em que íam ficar? ¿e as mortiferas interpretações da maledicencia? — ¡Oh! que tudo isto era horrendo de pensar e mais horrendo de prevêr: era uma desgraça apenas calculavel, uma ingratidão eruelissima, um crime, um verdadeiro crime, um crime espantoso pelas suas consequencias.

E todavia o official não peccava por máu coração: era unicamente por leviandade. Sim, não vos espanteis, por leviandade e pela frivola opinião da classe em que nascêra, do mundo em que abríra os olhos. Para que melhor digamos não era elle que peccava, eram os preconceitos com que fôra educado, eram as prevenções sociaes que até ahi o haviam constantemente rodeado.

(*) Hoje a soberba egreja, a que só faltava impôr o tecto, foi derrocada de suas cantarias para com ellas se arrebicar o theatro *agrião!*

¡Um barqueiro! ¡um maritimo *sem educação!* um *pobre homem!* na idéa de muita vez na phrase da nossa sociedade é uma coisa com vulto humano que apenas superciliosamente se olha, e que se crê impensante, sem alma e sem sensibilidade. Avaliam pelo exterior agreste o interior que muitas vezes, similhante á fibra delicada da arvore antiga, está mil vezes mais bem conservado pela crusta grosseira que o resguarda, do que todas essas elegantes illusões mundanas sob a sua lisa e polida superficie, a que chamam educação.

Pensando pois pelo pensamento da sua classe, vendo e ouvindo pelos olhos e pelos ouvidos d'aquellas tristes mas infelizmente poderosissimas preocupações, o moço official longe de cuidar em toda a negrura da sua negra acção, pensava pelo contrario fazer um acto meritorio. Certo de que todas as coisas se-achavam dispostas como as elle desejava, ía já introduzir na unica fechadura da placida habitação uma gasúa ou chave falsa, quando um surdo rumor de passos na arêa o fez vivamente voltar a cabeça.

— São onze horas dadas — disse, proximo já do attonito official, um mancebo maritimo que não era outro senão o proprio Manuel, tirando o seu barrete de lã azul com todas as mostras da mais humilde cortezia, ao mesmo tempo que a voz suffocada e convulsa atraiçoava o seu immenso constrangimento. — São onze horas dadas, meu senhor: dormem todos lá em cima, e se V. S.ª os procura creio que será melhor voltar ámanhã.

O official estupefacto ao principio imaginou que o pobre mancebo Algarve ou era muito demente ou muito medroso: já se não lembrava do olhar que de madrugada lhe lançára.

— Vae-te d'aqui — tornou elle sobranceiro e cholérico — Não tenho tempo de aturar-te.

E ía de novo metter a chave na fechadura. Os olhos de Manuel faiscaram lume vivo. Estava tremulo como varas verdes, e descorado como um defuncto.

— É já muito tarde — tornou elle simulando um socego impossivel — V. S.ª engana-se nas horas....

O official encarou-o fixamente. Os olhos de Manuel relusiam na sombra de um modo estranho. Os dois mancebos fitaram um no outro a mesma horrenda vista com que de manhã se haviam quasi provocado. O official apontando expressivamonte para a praia bradou para Manuel.

— Eu quero entrar n'esta casa.

Manuel esfriou da cabeça até aos pés, mas sem revellar a raiva que intimamente o consumia por nenhum signal exterior respondeu humildemente.

— Não: V. S.ª não quer entrar.

— Digo-te....

— Não póde querer....

— Já....

— Não ha-de querer....

Aqui a voz do moço Algarve era já imperiosa e rude. Passára insensivelmente da supplica ao mando. O official não podia conter-se. Estava cego de ira. ¡Um homem d'aquelles ousar atravessar-lhe os intentos!...

— Hei-de entrar — exclamou elle empurrando-o para um lado e buscando introduzir a chave.

— E agora digo que não entra — acudiu o robusto Algarve travando-lhe do braço com que tentava abrir a porta e segurando-lh'o como se o tivéra n'uma prensa.

— Deus bem sabe que eu não queria chegar a isto, mas já que assim o deseja... Aquella familia, que dorme lá em cima na paz do céu, quero-lhe eu como se fôra a minha.... minha propria que ella fôra, não lhe quizera tanto.... Não tenho outra cá na terra..... não tenho mais ninguem.... A vida déra eu por lhe poupar uma hora de afflicção, quanto mais deixar que assim lhe venham roubar para sempre o descanço e a felicidade.... Digo-lhe que não ha-de entrar.... Diga o que quizer.... faça o que lhe parecer, agora que o tenho seguro não o largava por um reino.... nem o largo emquanto não prometter que se ha-de deixar da feia acção que ía fazer.... ¡oh! eu bem sei o que queria... eu bem sei para que eram todas estas diligencias, mas não ha-de leval-as ávante, não.... Não me importam ameaças, não se me dá da morte.... digo-lhe que não entra....

Manuel nas suas singellas fallas havia-se com toda a volubilidade e natural eloquencia do sentimento que profundamente o penetrava. O official forcejava como um possesso, procurando desembaraçar-se de Manuel e arrancar a espada, mas o valente mancebo que tinha logrado prender-lhe ambos os pulsos mantinha-lh'os seguros e firmes como se os houvéra imbutido ou entalhado nas suas mãos asperas e calósas. O *camarada* que de longe viu um vulto chegar-se para o seu official começou a suspeitar; observando depois os movimentos que ambos faziam debatendo-se á sombra que para aquelle lado a casa projectava, aproximou-se vivamente, e percebendo aquella silenciosa lucta, levou do seu largo sabre e correu sobre Manuel. Ávista d'este novo adversario, Manuel foi obrigado a largar o official, mas tão animoso como robusto dá dois pulos para traz, agarrar n'um troço de rêmo partido, que por acaso lhe caíu debaixo de mão, e esperar a pé firme os dois que vinham sobre elle, foi tudo feito em menos de um credo. O official estava furioso, e o *camarada* á vista do inimigo que tinha em frente tambem sentia seus desejos de lhe assentar quatro gilvasios puxados. Quanto a Manuel, considerando chegado o momento de talvez satisfazer, a chólera que lá dentro lhe fervia, e não tendo já de constranger-se, empunhava o remo lascado como um rei empunharia o seu sceptro. Brilhavam-lhe os olhos como as lâminas das espadas dos seus contrarios. A rude casca do maritimo tinha desapparecido para sómente deixar ver o homem em toda a magestade e grandeza da sua força, da energia, da decisão e do verdadeiro valôr. Manuel aparou os primeiros botes dos seus cégos inimigos com uma destreza, presença de espirito e felicidade incriveis. Pelo que toca ao seu remo tinha já feito longo conhecimento com o costado do *camarada*, postoque de preferencia se dirigisse ao official. Todavia o resultado d'este estranho combate de dois contra um, com armas tão deseguaes, ficaria ainda longamente problematico se no mais acceso d'elle uma voz rija e ameaçadora repentinamente não bradára.

— Esperem, esperem que eu lá vou abaixo ensinar-lhe como é que dois attacam um.

Effectivamente um instante depois Antonio Domingues, armado com um bom pedaço de um croque, abriu mansamente a porta da habitação e ía já saltar para a rua, quando o silencio absoluto que reinava e a vista de um corpo atravessado diante da sua porta o suspenderam.

Manuel que sentíra abrir a janella do sobrado quan-

do a ella assomou seu patrão, não pôde deixar de para lá deitar os olhos. O official aproveitando este momento de distracção correu-lhe uma cutilada que o lançou por terra alagado em sangue. Sentindo passos na escada e receando ser conhecido, fugiu immediatamente e atraz d'elle o officioso *camarada*. Foi n'este momento que Antonio Domingues appareceu.

Manuel estava seriamente ferido. Apenas tornou em si o seu primeiro movimento foi esconder nos bolsos da sua japona a gasúa tincta em sangue que arrancára ao official e que tinha ainda na mão.

Apressado em soccorrer o pobre mancebo, Antonio apenas o viu reanimar-se perguntou ancioso

—¿Quem te pôz em similhante estado, filho?

—Dois homens.... que não conheço — respondeu Manuel com voz sumida, sorrindo áquelle nome de filho.

N'aquella hora, Flôr-do-Mar dormia a somno solto.

Mendes Leal Junior.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1769 Cada vez se carrega mais o horisonte politico da Hispanha: já não são unicamente murmurações falladas, proclamadas e impressas, são pronunciamentos, são preparativos bélicos. A impopularidade do ministerio e do regente parecem ameaçar conflagração muito mais vasta do que foi a da Catalunha. Um decreto de 26 de maio dissolveu a camara dos deputados, determinando a reunião das futuras côrtes para 26 de agosto.

A Irlanda, cheia do pensamento e sentimento da sua dignidade ha meio seculo excitados por Oconnel, já ousa dizer alto á Inglaterra a palavra, independencia: a Inglaterra parece disposta a responder-lhe com a palavra, artilharia. Entretanto a Irlanda conta já no seu livro de ajuramentados oito milhões de filhos seus. Cada homem que defende a terra do seu nascimento é para quatro, que lh'a invistam.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1770 *Diario do Governo de 30 de maio.* — Carta de lei estabelecendo os direitos de importação e reexportação, na Ilha da Madeira, de diversos objectos. Venda de bens nacionaes em Leiria.

Idem de 31. — Decreto prorogando até ao fim de junho as côrtes. Carta de lei fixando em 24 mil praças de pret o exercito para o anno de 1844.

Idem de 1 de junho. — Portaria ordenando que os alvarás de supplemento de edade devem pagar de sêllo 2$400 réis assim como as cartas de confirmação.

Idem de 2. — Carta de lei auctorisando o governo para reduzir até doze o numero dos districtos administrativos, e as sés do continente do reino e ilhas adjacentes. Outra exemptando de direitos os objectos importados para o theatro nacional.

Idem de 3. — Carta de lei sobre barcas de passagem. — Outra fixando a força de mar em 2:800 homens, 3 fragatas, 4 corvetas, 5 brigues, 5 escunas, 2 náus de viagem, 3 correios, 1 cuter, e 1 barco de vapor. — Ordem do exercito n.º 19. — Tabella da disposição dos fundos no mez de abril.

Idem de 5. — Edital para que todos os grão-cruzes, commendadores, officiaes e cavalleiros de todas as ordens do reino compareçam na procissão de Corpus Christi.

DUELLOS.

1771 Assistimos sabbado á continuação do debate d'este ponto na Sociedade Philomatica.

Oraram contra o duello os Srs. Mendes Leal e Ribeiro de Sá — a favor, o Sr. Cunha Souto-Maior.

No serão de sabbado proximo e nos seguintes continuará a discussão que até hoje tem sido animada do mais vivo interesse.

Os impugnadores do desafio obtiveram n'esta noite, se nos não enganamos, uma victoria, de que ha-de ser muito difficil esbulhal-os. A convicção, que os inspirava, tornou-se convicção de todos os seus ouvintes; e já sem grande temeridade se póde adivinhar, porque parte sairá na votação a grande maioria.

Quanto a nós, o ponto, que pergunta — se é licito o duello, — não chega a ser uma questão. Infracções de lei nunca jamais podem ser lícitas: — e o duello é condemnado por leis, e os desafiados, e seus procuradores, com razão tractam em segredo, até o ultimo desfêcho, todo esse ridiculo negocio. O que se oppõe á lei fundamental de um estado, menos lícito ainda póde ser aos subditos d'esse estado: — e a Constituição da monarchia diz, que a religião d'ella é o christianismo, cujos dogmas essenciaes condemnam manifestamente o duello.

Emfim quem devidamente apertar com as regras da dialectica achará, que, sem uma confissão expressa ou tacita de materialismo, não ha apologia possivel do duello: — e o materialismo tambem já hoje no tribunal da philosophia não é lícito: o consenso europeu o repelliu de todos os postos, que no passado seculo havia conquistado ou recebido por capitulação.

Se porém quanto a este ultimo argumento não ha força coactiva, que obrigue os duellistas a recebel-o por ser a sua materia, materia de opinião e portanto livre, os dois primeiros são de direito positivo e sanccionado. Nem se diga que é só em abstracto e só philosophicamente que se discute; — porque a palavra *licito* não diz relação ao direito *constituendo* mas ao direito *constituido*; e até porque se o sofismar e errar é permittido dentro do circulo legal, certamente o não é o tomar as leis e religião do estado como coisa hypothética e accidental, contra a qual se póde ir, em assim fazendo conta, ao sistema, que adoptámos. Dizer pois, eu prescindo do fundamento religioso ou do fundamento juridico quando tenho de averiguar e dizer ao publico, tal coisa é, ou não é licita, é uma ficção que annulla préviamente todo o raciocinio, e que demais póde conduzir a terribilissimas consequencias.

Parece-nos que para boa ordem e bom desfêcho d'esta questão, tão altamente social, e em que tantos, tão distinctos e tão illustrados ingenhos apparecem nos dois campos, as considerações, que deixamos feitas, valeriam a pena de ser, pelo menos, examinadas.

CURATIVO GRATUITO.

1772 A *Commissão* (juncta) *administrativa* do hospital de S. José nomeou o cirurgião *Estevam José Pedroso*, para satisfazer ao legado, que deixou *Jerónimo Pereira*, a fim de curar os enfermos dos bairros proximos do dicto hospital.

EGREJA DE SANCTA IZABEL.

1773 A egreja de Sancta Izabel, rainha de Portugal, tão bella e tão vasta, fundada pelo primeiro Patriarcha de Lisboa em 1741, e para a qual elle deu toda a sua copa de prata, que constava de mais de 1:500 marcos de pêso; ficou sem dote algum; e é

talvez a unica que não possue um predio, nem fôro, e só (ha poucos annos) teve um legado, que lhe produz vinte mil réis annuaes, tendo aliás, como fabriqueira que é, de prover não só á conservação e reparos do edificio da egreja mas tambem ás despezas do culto, e costeamento de uma parochia tão populosa como pobre.

O facto porém é, que o templo está quasi chegado a um estado que ameaça total ruina, não podendo deixar de acudir-se-lhe, e reparar-se quanto antes, porque está sem telhados, com uma torre quasi em estado de desabar, com as suas officinas inteiramente estragadas, e com um tecto ameaçando partir-se e causar sérias consequencias; chovendo por toda a parte em quantidade, não escapando o cartorio da egreja, aonde se guarda esse deposito, que estragado e perdido — perdidas ficarão muitas pessoas e familias a quem taes documentos religiosos e civís, importam seus direitos e fortunas.

O reverendo parocho actual o Sr. José Jacinto Tavares, varão tão respeitavel como respeitado por suas lettras sagradas e profanas, por suas virtudes christãs, e pelo seu zêlo no officio de pastor, vendo o aprisco espiritual do seu rebanho a caír em ruinas, deu-se pressa em convocar alguns fiéis para o ajudarem a tirar uma esmóla pela freguezia para a reparação e conservação do edificio. Isso se fez. — Essa junta, presidida por elle, é composta dos Srs. J. da S. Carvalho, J. J. A. Freineda, A. X. Palmeirim, J. P. Dultra.

Recebem-se donativos de qualquer quantia, por uma vez só, ou em prestações mensaes, registando-se os nomes e mais declarações nos competentes livros de matricula. É de presumir que a bella egreja de Sancta Izabel não tardará em se vêr remoçada e mais formosa do que nunca.

AMOSTRAS ARTÍSTICAS.

1774 Elogia o Periodico dos Pobres no Porto a perícia, que já vão mostrando na esculptura os Srs. Luiz Pereira Bernardes Braga, e Antonio Mendes Braga, discipulos do Sr. Francisco Pedro de Oliveira e Sousa, lente substituto da eschóla d'essa arte na academia da mesma cidade. Duas imagens — um Menino Jesus e uma Senhora da Conceição, feitas pelo primeiro d'aquelles dois alumnos, e um busto de Pio VII executado pelo segundo, teem merecido os elogios de todos os intendedores.

MONUMENTO SEM ESTATUA.

1775 Consta — que na cidade de Angra se não podéra ajunctar por subscripção quantia, que bastasse para um monumento ao Libertador; e que por isso determinaram applicar o recebido para a edificação de um theatro, que pela sua invocação, viesse a fazer as mesmas vezes; e accrescenta-se — que este arbitrio fizéra logo apparecer muito mais dinheiro.

¿O QUE SÃO OS GOSTOS?

1776 O correio do Algarve é assaltado no dia 16 de maio entre Almodôvar e Córte-Figueira por um bando, a quem não póde deixar de se render. Arrombam-se as malas, revolve-se, examina-se todo o seu contheudo, e rouba-se — ¿oiro? — ¿notas do banco? ¿algum processo? ¿alguma carta de negocios? ¿pelo menos alguns escriptos de amores?.... Não: ¡roubam-se unicamente os periodicos! — ¡É força de sina a que os pobres periodicos estão tendo de ser roubados!

Uma quadrilha d'aquellas é que é uma verdadeira *Revista dos Jornaes*, e das *Revistas*.

LADRÕES DE OUTRO GOSTO MENOS RARO.

1777 Quinze bandoleiros na mesma provincia, e pelo mesmo tempo, pouco mais ou menos, entram a villa de Estômbar. Roubam uma casa e matam-lhe o dono; roubam o estanco; investem a morada de Custodio Pires Bandeira — e Deus sabe a que mais haveriam passado, se aqui lhes não tivessem briosamente feito fogo. Eram dez horas da noite quando fugiram, tomando o caminho da Senhora do Rosario.

Em 26 de abril tambem no Algarve na freguezia da Guia, concelho de Lagôa, foi assaltada, segundo lemos na Restauração, a casa de um Romão José por quatro individuos do mesmo concelho — André o chapelica, João Prazeres, João Alcaide e Joaquim Antonio Oleiro — os quaes amarrando o dono da casa e sua familia, o roubaram, com stupro de sua mulher quasi á sua vista, perpetrado pelo ultimo d'estes scelerados. Foi descoberto quasi todo o roubo, e presos André, e Prazeres. Na noite porém de 10 para 11 de maio corrente, André se evadiu da prisão por meio de um buraco, que abriu na parede interna para a parte de um quintal.

NOÇÕES ELEMENTARES DE PSYCHOLOGIA E IDEOLOGIA POR M. P. D'A. A. BRAGA 1 V. EM 12.° DE 104 PAG.

1778 A obra cujo titulo acabamos de transcrever é uma prova dos progressos que entre nós teem feito os bons estudos. É a philosophia posta ao alcance de todas as capacidades. Doctrina solida; deducção vigorosa; dicção corrente: tudo quanto de meio seculo a esta parte tem perdido a Philosophia em Allemanha e á sua imitação, na nova França, parece ter vindo refugiar-se nas nossas eschólas. Queira Deus que nos não chegue nunca a nossa vez de adoptarmos as nebulosas theorias dos primeiros, nem as phosphoricas phantasmagorias dos segundos.

Na obra que hoje annunciamos só temos de sentir que se o illustrado auctor, obrigado, pelo fim que se propozéra de facilitar a intelligencia do compendio de Genuense, não fizesse preceder a Metaphysica á Psychologia; porque muitas expressões, que é forçoso definir aqui, ficam dependentes dos termos mais geraes compreendidos na sua definição e cujo sentido só na Metaphysica se deve determinar. E seja-nos permittido fazer-lhe observar que a *Metaphysica*, no sentido geral de todos os philosophos, não compreende só o exame da natureza dos espiritos, suas operações e leis (como se diz a pag. 2); mas sim o complexo das doctrinas *communs* a todos os ramos dos conhecimentos humanos. Aquella definição compete á *Psychologia* geral que, depois se póde dividir, em *Psychologia do homem e Psychologia dos animaes*, *Psychologia dos espiritos puros* etc.

Tambem tomamos a liberdade de lhe fazer notar que no progresso que teem feito as sciencias, póde-se dizer que não ha já nenhuma a que se dê o nome de Direito Natural. Hoje intende-se que a sciencia dos direitos e deveres dos homens versa sobre os homens como elles são, isto é: sociaveis e associados; deixando-se

de parte as inuteis hypotheses do homem no denominado *estado natural*, e isolados. Aquella sciencia pois dos direitos e deveres do homem na sociedade, divide-se em Éthica e Politica, subdividindo-se esta ultima em direito publico e direito civil. Da applicação combinada d'estes dois resulta o direito administrativo.

Permittimo-nos submetter estas duas observações ao docto professor, cuja obra temos lido com summa satisfação, para que elle, lhes dê a consideração que lhe merecerem na redacção d'aquellas duas partes que nos promette do seu curso philosophico, e que estamos certos encontrarão da parte do publico o mais lisongeiro acolhimento. *Silvestre Pinheiro-Ferreira.*

OS PROTESTANTES.

1779 *Sara Taylor* é a ingleza catholica irmã da menina raptada. — Quinta feira 1 de junho entra em casa de *Sara Taylor* um rapaz, que da parte da mestra da eschóla protestante lhe noticía — que sua irmã desappareceu; e lhe pergunta — se tem d'ella algumas novas. Sobresaltada lhe responde — que não. E era verdade. Mas que vae saír a procural-a, e achando-a, como espera em Deus, reconduzil-a-ha ao collegio.

Apenas quite do emissario, corre a casa de uma familia muito virtuosa e catholica, visinha d'onde sua pobre mãe havia expirado. Ahi soube então que sua irmã, aproveitando-se de uma aberta propícia aos desejos, que sempre tivera, de se esquivar ás mãos, de quem por força a havia captivado, fugíra acceleradamente e sem chapéu, e viéra acolher-se na mesma casa, dando parabens á sua fortuna por aquella hora doirada de seu livramento.

O que *Sara* acaba de ouvir, pouco tarda que os seus olhos, que os seus braços, que o seu coração exultando lh'o confirmem. Sua irmã já se lançou ao seu pescoço. Já as lagrimas de ambas, que desde aquelle antigo encontro no caminho para a capella haviam corrido solitarias, se misturam, e perdem, confundindo-se, o amargor, com que até alli lhes refluiam para as entranhas da alma. *Sara*, observante escrupulosa dos seus deveres, até dos mais dolorosos, arranca-se de repente á doçura de tão inesperada posse, dirige-se á eschóla, declara onde está a menina e a sua determinação de a restituir apesar d'ella; mas pede, como graça, que lh'a deixem ainda esta noite em sua companhia.

Um dos vogaes da commissão (juncta) administrativa, que n'este momento acaba de entrar mais morto do que vivo, com a vergonha, que de um tal acontecimento lhes resulta, pede a *Sara* o encaminhe á presença de sua irmã para a reconduzirem ao collegio. Vendo-os entrar a menina se oppõe ao que ella julga segundo rapto. Nem ameaças nem carícias a demovem, e repete, soluçando, que não tornará a pôr lá os seus pés. O que o emissario não venceu, conseguiu-o a suave auctoridade da irmã, que pela sua mão, e em companhia d'aquelle mesmo cavalheiro — d'aquelle membro de uma juncta que havia forcejado por destruir no mais melindroso ponto o seu credito feminil — a levou generosamente para o poder de seus communs inimigos.

A despedida das duas irmãs ás portas do collegio não carece de ser descripta. — ¡ Quem ha ahi que a não imagine !

E este facto passava no proprio dia de quinta-feira ultima, talvez na propria hora, em que o nosso jornal andava espalhando a carta da illustre commissão administrativa em que se liam estas palavras: — « *Alli* « (na eschóla) *está a menina contente, dizendo espon-* « *taneamente com a sua propria bocca, que a governan-* « *ta da eschóla é agora a sua mãe; ahi* — accrescen- « tavam elles ainda — *póde ser vista, e a Instituição* « *examinada pelos Magistrados, o Prelado, e pelo pro-* « *prio Governo.* »

¡ Na verdade que os magistrados, o prelado, e o proprio governo á vista de tão edificante lealdade, e de uma veracidade tão manifesta, nada teem por que se intromettam com os actos dos inglezes protestantes em Portugal, que já se vê, como respeitam a religião e as leis do estado que os teléra!

Deixem-n'os viver como elles pedem, em paz e socêgo.

Se a final os cemiterios de *S. João*, dos *Prazeres*, e da *Ajuda* se vierem a encorporar no da *travessa dos ladrões*; se o bispo de Gibraltar vier residir em S. Vicente de Fóra.... ¡ bagatella !.. ¡ são questões espirituaes !... Se além de tantas parcialidades politicas, em que o reino está dilacerado, lhe sobrevierem novas desmembrações religiosas; se aos odios velhos se accumullarem os implacaveis odios de mil seitas disparatadas e rivaes, e por elles se metter a perturbação nas familias, nas cidades e nas provincias.... ¡ bagatella.... pura bagatella!

¡ E a esta insensatez, professada por alguns, se dá o nome de sublime philosophia !... ¡ Pois bem..... que vão com ella! o processo registal-o-ha a historia, e a posteridade o sentenceará á vista dos documentos, como nós hoje sentenceamos a ensanguentada chronica da origem, estabelecimento e progressos das variações da egreja protestante.

Em realidade é triste a scena que se hoje está representando, e mais triste a indifferença com que se considera. Os protestantes querendo invadir descaradamente o catholicismo — os representantes da côrte de Roma dando-lhes armas pela sua ingerencia usurpadora nos negocios do seculo; pelo seu anachrónico menoscabo das immunidades ecclesiasticas d'este reino. O ultramontanismo, esquecendo-se de que estava morto, levanta-se horrivelmente como cadaver galvanisado; corre a passo e passo as provincias; e com os olhos fechados, que nunca mais os ha-de abrir á luz, vae passando as suas mãos ferrenhas sobre as mitras e sobre um diadema do seculo XIX como o fazia sobre as mitras e os diademas dos seculos barbaros da edade media.

O governo deve vigiar e reprimir egualmente estes dois inimigos — o ultramontanismo e o protestantismo; — inimigos pessimos, que, detestando-se mutuamente, e combatendo-se, como furiosos, no campo theologico, no campo politico se dão as mãos para nos perderem, tirando cada um d'elles das vantagens, que o seu adversario lhe levou, uma nova força para melhor expugnar a nossa independencia.

ERRATA.

A pag. 456, col. 2.ª, lin. 52 — deve lêr-se « 202, 256, 635, 997, 1028, 1292.

E a pag. 459, col. 2.ª, linha 34 — emvez de — *vix* — lêa-se — *visi*,